

# CARGAS FÍSICAS NO TRABALHO DE AGENTES COMUNITÁRIOS DE SAÚDE

***Caliandra Marta Dissen<sup>1</sup>***  
***Carmem Lúcia Colomé Beck<sup>2</sup>***  
***Francine Cassol Prestes<sup>3</sup>***  
***Juliana Petri Tavares<sup>4</sup>***  
***Maria Saleti Vogt<sup>5</sup>***  
***Alexa Pupiara Flores Coelho<sup>6</sup>***

## RESUMO

Este estudo teve por objetivo apresentar dados sociodemográficos, hábitos de vida, bem como identificar as cargas de trabalho físicas em Agentes Comunitários de Saúde (ACS). Trata-se de uma pesquisa exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa em que se aplicou um questionário para a coleta dos dados. Os agentes, do sexo feminino e com idade entre 25 e 40 anos, apontaram o ambiente laboral inadequado, bem como a precariedade dos equipamentos de trabalho como geradores de cargas físicas. Sobre os hábitos de vida, a maioria não pratica atividades físicas e um pequeno percentual é tabagista. Esse estudo reforçou a necessidade de traçar estratégias de intervenção junto aos agentes e ao serviço de saúde, no sentido de promover ações que contribuam para a melhoria da qualidade de vida e saúde destes trabalhadores.

**Palavras-chave:** Carga de trabalho; saúde do trabalhador; equipe interdisciplinar de saúde.

<sup>1</sup> Acadêmica do 5º Semestre do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria. “Membro do grupo de pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem” da UFSM. Bolsista FAPERGS. Email: kalidissen@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora em Enfermagem, Docente Adjunto do Departamento de Enfermagem da UFSM. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa “Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem” da UFSM. Email: carmembeck@gmail.com

<sup>3</sup> Enfermeira. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM – RS. Membro do Grupo de Pesquisa “Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem” da UFSM. Email: francinecassol@gmail.com

<sup>4</sup> Enfermeira. Doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do Grupo de Pesquisa Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem e do Grupo Interdisciplinar de Saúde Ocupacional. Email: jupetritavares@gmail.com

<sup>5</sup> Doutora em Ciências da Saúde, Docente Adjunto do Departamento de Fisioterapia e Reabilitação da UFSM. Email: saletivogt@gmail.com

<sup>6</sup> Acadêmica do Terceiro Semestre de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM – RS. Membro do grupo de pesquisa “Trabalho, Saúde, Educação e Enfermagem” da UFSM. Bolsista FIPE. E-mail: jako-bourei@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

O trabalho do ACS requer uma série de conhecimentos referentes à área da saúde que, muitas vezes, são desconhecidos por estes, pelo fato de não possuírem uma formação profissional. Assim, o ACS assume uma nova responsabilidade ao compor a equipe de saúde da família, necessitando conhecer certos conteúdos e práticas referentes à biomedicina (NUNES *et al*, 2002).

Nesse sentido, o movimento de cuidado à Saúde do Trabalhador decorre do crescente adoecimento desta parcela populacional, na qual estão inseridos os que cuidam da saúde da população sendo que estes, por vezes, esquecem de cuidar da própria saúde e das condições de seu ambiente de trabalho (TRINDADE, BECK, LAUTERT, 2007).

As cargas de trabalho são conceituadas como o conjunto de esforços desenvolvidos para atender às exigências das tarefas, abrangendo os esforços físicos, cognitivos e os psicoafetivos (SELIGMANN-SILVA, 1994).

Conceitualmente, as cargas são divididas em dois grupos: aquelas que têm materialidade externa ao corpo do trabalhador, como as cargas físicas, químicas, biológicas e mecânicas e as que só adquirem materialidade na corporeidade humana, ou seja, as cargas fisiológicas e psíquicas (OLIVEIRA, 2001). Neste estudo, optou-se por investigar as cargas físicas no trabalho dos ACS.

Nessa direção, as cargas físicas podem ser representadas por ruídos, as vibrações, a umidade, que ocasionam alterações nos mecanismos fisiológicos humanos, podendo ou não ser reversíveis (OLIVEIRA, 2001).

Neste contexto, o perfil sociodemográfico, os hábitos de vida e as cargas de trabalho físicas a que estão expostos os ACS se constituem em uma temática que necessita ser investigada, tendo em vista a necessidade de se conhecer os fatores intervenientes na saúde destes trabalhadores.

Diante destas questões, foi realizada uma pesquisa junto a Agentes Comunitários de uma Unidade de Saúde de um município do Rio Grande do Sul,

com o objetivo de conhecer o perfil sócio-demográfico dos ACS e identificar as cargas de trabalho físicas a que estes trabalhadores estão submetidos.

Portanto, justifica-se este estudo pela intenção de conhecer as cargas físicas de trabalho a que os ACS estão em exposição e, a partir daí, traçar estratégias adequadas de intervenção junto aos agentes e ao serviço de saúde, no sentido de promover ações que contribuam para a melhoria da qualidade de vida e saúde destes trabalhadores, bem como a qualidade do atendimento prestado por eles.

## METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa.

Esta pesquisa foi realizada em uma equipe de PACS de uma Unidade Básica de Saúde de um município do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma amostra não probabilística por julgamento.

A população de ACS desta unidade é composta por onze trabalhadores. Os critérios de inclusão dos sujeitos do estudo foram: ser ACS da referida Unidade Básica de Saúde e estar em exercício da profissão. Foram excluídos aqueles que estavam em licença do trabalho por motivos diversos no período de coleta dos dados, sendo que participaram desta pesquisa oito ACS.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário, incluindo questões abertas e fechadas. Na primeira parte, estavam contidos os dados socio-demográficos e hábitos de vida e na segunda, questões específicas sobre o tema proposto nesta pesquisa.

Foi realizado um estudo-piloto com três ACS no intuito de validar o referido instrumento, destacando-se que estes participantes foram incluídos no estudo, uma vez que o instrumento não necessitou de alterações.

A coleta de dados foi realizada mediante agendamento de datas e horários com os participantes, sendo que o local estabelecido pelos ACS foi a unidade de saúde, no horário de trabalho e de acordo com a disponibilidade dos agentes.

Para a análise dos dados utilizou-se a técnica da análise de conteúdo temática (MINAYO, 2007), que se constitui de três etapas: ordenação, classificação dos dados e análise final. A análise dos dados foi realizada em torno do eixo temático: cargas físicas no trabalho do ACS.

Os participantes do estudo leram e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após a elucidação e apresentação da proposta de estudo a qual respeitou a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (MS, 1996).

Este projeto tramitou nos órgãos competentes e obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria, protocolado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) de número 0221.0.243.000-08.

## RESULTADOS

Referente aos **Dados Sociodemográficos**, constatou-se que todos os agentes de saúde são do sexo feminino. A idade destas trabalhadoras variou de 25 a 40 anos, com distribuição uniforme neste intervalo.

No que refere ao tempo de atividade laboral, as ACS possuem de quatro a doze anos de trabalho como ACS. Quando perguntado se possuíam outra atividade remunerada, todas referiram que não, mas destacaram sua atividade doméstica;

Em relação a gostar da atividade que desenvolvem como ACS, todas responderam afirmativamente, pois a partir dela tem a oportunidade de ajudar e esclarecer as pessoas, especialmente as menos favorecidas, levar alegria as pessoas e trocar conhecimento com os usuários.

Com enfoque nos **Hábitos de vida** das ACS, identificou-se que as mesmas não praticavam exercícios físicos regularmente.

Perguntadas sobre o uso do tabaco, um agente respondeu que fuma há 25 anos, em média 10 cigarros por dia. É importante considerar que as de-

mais não utilizam o tabaco, o que as protege dos acometimentos oriundos do hábito prolongado desse produto.

Todos os sujeitos pesquisados relataram sentir dores nas pernas e coluna vertebral, e cansaço regularmente. Em relação à realização de tratamento ou acompanhamento regular de saúde, uma ACS respondeu fazer tratamento para hipotireoidismo, depressão e ansiedade e os demais responderam não fazer nenhum tipo acompanhamento médico ou tratamento.

A respeito das **Cargas Físicas no Trabalho das ACS**, emergiu a categoria **condições de trabalho inadequadas**. Nesta categoria, as ACS apontaram **o ambiente laboral inadequado, bem como a precariedade dos equipamentos de trabalho**.

As ACS identificaram como elementos que lhe causam algum tipo de incômodo **os ruídos, o excesso de frio ou de calor; a presença de odores, a ventilação inadequada das moradias, a poeira e a presença de animais domésticos nas moradias**.

Em relação aos **equipamentos de trabalho**, os ACS referiram não serem adequados para a realização da atividade laboral, **destacando a falta de uniforme; a carência de materiais para medir e pesar as crianças; a falta de protetor solar e de bolsas para transportar seus materiais de trabalho**.

## DISCUSSÃO

Quanto ao sexo das ACS, o achado nessa pesquisa converge com os resultados de outros estudos realizados com ACS (NEVES, NUNES, 2010).

Sobre a idade e tempo de atividade laboral, percebeu-se que se trata de um grupo de trabalhadoras jovens, com relativa experiência profissional e tempo de convivência com a comunidade em que atuam.

A alusão às atividades domésticas na pesquisa reforça a existência da dupla jornada de trabalho, tendo em vista que esta atividade demanda tempo, esforço físico e envolvimento.

Para que a realização profissional aconteça é essencial “gostar do que faz” e isso pode ser reforçado a partir do aprendizado contínuo, conferindo segurança no cotidiano. Se assim for, é possível que o agente transmita segurança para o usuário, o que pode dar credibilidade ao profissional (LIMA, MOURA, 2005).

Sobre os hábitos de vida, destaca-se que a prática de exercícios físicos pode ser uma forma de lazer e de restaurar a saúde dos efeitos nocivos que a rotina traz (SILVA *et al*, 2010). Entretanto destaca-se que, diariamente, os agentes realizam longas caminhadas nas visitas domiciliares e atividades domésticas, o que os retira do grupo de pessoas sedentárias.

Considerando o fato de as ACS terem respondido afirmativamente para o sintoma de dor, é importante relacionar estes sintomas com o tipo de atividade exercida, mas também a necessidade de identificar medidas para minimizá-las ou anulá-las. Sendo assim, é importante que a dor e o cansaço não sejam banalizados no cotidiano de trabalho dos ACS, pois são sinais que necessitam de avaliação e intervenção no sentido de buscar a melhoria da saúde destes trabalhadores.

Apesar de apenas uma ACS ter afirmado que realiza tratamento de saúde, a pesquisa evidenciou que metade dos agentes reconhece que o trabalho tem influenciado em seu adoecimento, o que é essencial para o enfrentamento deste problema. Sobre isso, cogita-se que o fato dessas profissionais residirem no mesmo local em que desempenham suas funções pode ser um dos fatores de adoecimento. Dessa forma, estudo questiona a obrigatoriedade do ACS morar na comunidade onde trabalha, alertando para o fato de que isso pode ser fonte adicional de sofrimento psíquico a esses trabalhadores e se tornar patogênico (JARDIM E LANCMAM, 2009).

No que se refere à categoria condições de trabalho inadequadas emergida do eixo cargas físicas no trabalho das ACS, enfatizaram-se as condições adversas do **ambiente laboral**. Nessa direção, é destacável a necessidade de haver flexibilidade no planejamento das atividades diárias dos ACS, para que as adversidades possam ser trabalhadas e as demandas da comunidade atendidas.

Os agentes pesquisados neste estudo também destacaram como cargas físicas os instrumentos de trabalho inadequados para o exercício laboral. Neste contexto, é de suma importância que os gestores dos serviços de saúde se comprometam em fornecer os equipamentos de trabalho necessários aos ACS, conforme a realidade e necessidade dos serviços de saúde, buscando recursos e instrumentalização para estes trabalhadores, no sentido de proporcionar um atendimento de qualidade para os usuários, bem como promoção da saúde para os ACS.

## CONCLUSÕES

Ao final da pesquisa pode-se afirmar que em sua totalidade os trabalhadores deste estudo são do sexo feminino, com idade entre 25 e 40 anos, possuem de quatro a doze anos de atuação como ACS. Os agentes não possuem outra atividade remunerada, porém realizam atividades domésticas, o que remete a dupla jornada de trabalho.

O ambiente laboral inadequado e a precariedade dos equipamentos de trabalho foram considerados como cargas físicas no trabalho do ACS.

Esse estudo contribuiu para o conhecimento das condições de trabalho dos ACS, possibilitando a reflexão de novos meios que proporcionem bem-estar durante o trabalho. Nessa direção, destaca-se a necessidade de traçar estratégias adequadas de intervenção junto aos ACS e ao serviço de saúde, no sentido de promover ações que os despertem para o auto-cuidado, busca de melhor qualidade de vida, visando favorecer a saúde destes trabalhadores.

## REFERÊNCIAS

1 NUNES, M.D.O.; TRAD, L.B.; ALMEIDA, B.D.A.; HOMEM, C.R.; MELO, M.C.I.D.C. O agente comunitário de saúde: construção da identidade desse personagem híbrido e polifônico. **Cad Saúde Pública**. v. 18, n. 6, p. 1639-1646, 2002 .

- 2 TRINDADE, L.L.; GONZÁLES, R.M.B.; BECK, C.L.C.; LAUTERT, L. Cargas de trabalho entre os agentes comunitários de saúde. **Rev Gaúcha Enferm.** v. 28, n. 4, p. 473-479, 2007.
- 3 SELIGMANN-SILVA, E. **Desgaste mental no trabalho dominado.** Rio de Janeiro: Cortez/UFRJ, 1994.
- 4 OLIVEIRA, R.M.R. **A abordagem das lesões por esforços repetitivos/distúrbios osteomoleculares relacionados ao trabalho – LER/DORT no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo – CRST/ES.** 2001. 143 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) Fundação Oswaldo Cruz, Escola Nacional de Saúde Pública, 2001.
- 5 MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo: Hucitec, 2007.
- 6 CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (BR). **Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos.** Resolução N° 196/96, de outubro de 1996. Brasília (DF), 1996.
- 7 NEVES, R.F.; NUNES, M.O. **Da legitimação a (res)significação: o itinerário terapêutico de trabalhadores com LER/DORT.** *Ciênc saúde coletiva.* v.15 n.1, p. 211-220, 2010.
- 8 LIMA, J.C.; MOURA, M.C. Trabalho atípico e capital social: Os agentes comunitários de saúde na Paraíba. **Sociedade e Estado, Brasília.** v. 20, n. 1, p. 103-133, 2005.
- 9 SILVA, R.S.; SILVA, I.; SILVA, R.A.; SOUZA, L.; TOMASI, E. Atividade física e qualidade de vida. **Ciênc saúde coletiva.** v. 15, n. 1, p. 115-120, 2010.
- 10 JARDIM, T.A.; LANCMAN, S. Aspectos subjetivos do morar e trabalhar na mesma comunidade: a realidade vivenciada pelo agente comunitário de saúde. **Interface comunic. saúde educ.** v. 13, n. 28, p. 123-35, 2009.

